



SEMINÁRIO INTEGRADO CIÊNCIA E SOCIEDADE

TEIA UFNT

Relato de Experiência

**TROCA DE CARTAS ENTRE PESSOAS
DENTRO E FORA DA PRISÃO: a experiência
do Projeto Entre-nós na ótica de
extensionistas**

Yasmin Pereira Lima, UFNT
yasmin.pereira@mail.uft.edu.br

Luana Miranda Macedo, UFNT
luana19@mail.uft.edu.br

Felipe Peterson, UFNT
felipe.peterson@mail.uft.edu.br

Aline Campos, UFNT
aline.campos@ufnt.edu.br

I. Introdução

A prisão, em muitos sentidos, se configura como espaço de contradições: isola-se para “reintegrar”, violenta-se para humanizar. Ações positivas promovidas em seu interior, ainda que sabidamente entendidas como direitos humanos, geram reações diversas e nunca estão livres de certa resistência. O ódio destinado à população carcerária, que se traduz em frases populares como “bandido bom, é bandido morto”, evidencia a urgência de lutas por desconstruções. Aos noticiários interessa a selvageria existente nas prisões: os massacres, as fugas, as rebeliões. Aos que acreditam que os “hóspedes” das prisões são, em sua grande maioria, seres humanos historicamente marginalizados, que ao serem presos são novamente excluídos, interessa desconstruir os estereótipos de delinquente, bandido e monstro e encontrar estratégias para que tais pessoas possam deixar de “ser menos” (FREIRE, 2011).

Com a pandemia de Covid-19, a realidade prisional se tornou ainda mais complexa. A necessidade de isolamento físico para contenção da propagação do coronavírus fez com que as unidades prisionais se fechassem ainda mais. Visitas familiares e íntimas foram suspensas, assim como a presença de educadoras e educadores. A nova realidade impôs a incomunicabilidade e acirrou o cumprimento de pena de privação de liberdade, aumentando a chance de sofrimento psíquico. Sem possibilidade de acesso à internet, o que restou para que permaneça algum tipo de sociabilidade extramuros? As cartas, talvez.

Diante dessa situação tão complexa e delicada, foi imprescindível que ações fossem desenvolvidas no intuito de fazer resistência a esses discursos equivocados que negam a condição humana da pessoa que está presa, ao mesmo tempo que possibilitassem a promoção do acesso ao direito humano de educação e algum tipo de comunicabilidade. Neste cenário, a Universidade assumiu sua parte nesta responsabilidade, colocando-se a serviço dessa demanda social.

Neste contexto, em 2021, nasceu o projeto de extensão interinstitucional *Entre-nós: cartas, palavras e conversas*. Uma parceria entre a Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) e a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) que tem proporcionado o desenvolvimento de uma prática pedagógica de leitura e escrita mediada por troca de cartas entre homens que estão presos (correspondentes

intramuros) e pessoas fora da prisão, sobretudo graduandos (correspondentes extramuros).

Neste relato, apresentamos algumas experiências e reflexões advindas da participação neste projeto enquanto graduandos extensõesitas, no qual atuamos como correspondentes extramuros.

II. Objetivos

O **objetivo geral** do Projeto Casulo consiste em contribuir na garantia do acesso à educação e cultura às pessoas em situação de privação de liberdade, por meio da realização de atividades educativas envolvendo leitura, escrita e troca de cartas, enquanto elementos culturais fundamentais no processo de formação e transformação do ser humano.

Desdobra-se nos seguintes **objetivos específicos**: desenvolver atividades leitura e escrita por meio de textos diversos e envolvendo troca de cartas; aproximar os participantes do universo da leitura e escrita; incentivar o gosto pela leitura; promover a leitura e escrita; promover reflexões sobre o mundo e a vida a partir da leitura e escrita; propiciar a comunicabilidade de pessoas presas com a sociedade extramuros; promover o acesso ao direito humano à educação; estimular a afetividade e empatia entre pessoas cumprindo pena de privação de liberdade e pessoas diversas da sociedade extramuros; e viabilizar a remição de pena por práticas sociais educativas não escolares.

III. A experiência de trocar cartas com homens privados de liberdade

Em outros tempos a única forma de comunicação era por intermédio de cartas. Com o advento das tecnologias, surgiram outras formas de comunicação e, atualmente, a carta não é mais tão utilizada. Quando enviamos uma carta temos a expectativa de receber um retorno, por isso, ela nos possibilita um diálogo, uma conversa mais intimista. Isso ocorre porque quando trocamos cartas experienciamos um momento singular e plural ao mesmo tempo. Singular porque diz respeito a mim e aos meus sentimentos, e plural pois na medida em que troco correspondências não estou mais só,

há um interlocutor, um outro sujeito. No caso deste relato, o outro é alguém que se encontra privado de liberdade.

No Projeto Entre-nós, as cartas trocadas são antecedidas pela leitura e reflexão de um livreto temático, entregue mensalmente. Dentro da unidade prisional os participantes recebem esse material impresso e nós, fora da prisão, o recebemos em formato digital. Cada livreto versa sobre um par de afetos que se contrapõe, na perspectiva de Spinoza (2021), como: alegria e tristeza, admiração e desprezo, amor e ódio, glória e vergonha, gratidão e vingança. Essas temáticas provocam o repensar da própria vida e proporcionam adentrar em assuntos bem íntimos, como falar sobre a família e a saudade que sente em estar com eles, sobre as aspirações para o futuro, com planos empregatícios ou mesmo de vivenciar momentos fora da prisão em que apenas possam passar o tempo degustando da liberdade. Inevitavelmente, feridas sempre são abertas neste diálogos e somos tocados nessa partilha.

Por essa razão, a experiência de troca de cartas ocasiona uma expectativa especial em nós, pois ficamos ansiosos aguardando o que nossos correspondentes terão a nos dizer. A oportunidade de conhecê-los e dialogar com eles sobre temas diversos nos traz satisfação e alegria. Além disso, os livretos que norteiam os diálogos e que foram pensados com o objetivo de imprimir uma intencionalidade pedagógica reflexiva a essa troca de cartas também nos tocam e fazem pensar sobre nossas próprias trajetórias de vida.

Ao ler as correspondências, conhecemos um pouco sobre a pessoa que conversa conosco através das cartas, descobrimos alguns aspectos de sua vida. Emerge uma, quase inevitável, “aproximação”. A sensação que temos é de já conhecer nossos correspondentes há tempos. É bem curioso, pois na verdade pessoalmente ninguém se conhece. A escrita e leitura é atravessada por sentimentos como: alegrias, tristezas, injustiça, satisfação, raiva, amor, são mistos de sensações que nos invadem, somos impactados com a situação vivida dentro da prisão e os relatos de vida que os correspondentes intramuros nos contam. Percebemos que, muitos deles, não tiveram as mesmas oportunidades que nós tivemos. Por vezes, o sentimento que nos toma é de indignação por todo o contexto, até porque a discriminação impera no nosso sistema, sobretudo o carcerário.

Nesse contexto, o Projeto Entre-nós contribui para a desconstrução de narrativas pejorativas sobre as pessoas que estão presas. Na troca de cartas, ainda que as sensações sejam ambíguas, prevalece a alegria e satisfação em poder conhecer a

trajetória de vida de uma pessoa que, mesmo à distância, nos permite encarar e desmistificar os nossos próprios preconceitos a respeito de nós e dos outros.

Temos observado na experiência do projeto Entre-nós que é muito importante exercitarmos nossa visão do mundo por outras lentes, sob outras óticas que não seja a nossa habitual, pois as pessoas são diferentes, vivem vidas diferentes e enfrentam situações diferentes das nossas. Às vezes, algumas andam por caminhos bem espinhosos, por diversas questões que nem sempre são fáceis de compreender, e não cabe a nós julgar. A partir desta experiência podemos nos desprender de diversas falácias que impregnam os dizeres populares, fazendo crer que a população carcerária é uma massa homogênea de pessoas unicamente más e ruins. Quando trocamos correspondências, em meio ao diálogo sobre muitos temas, nos vemos diminuindo as barreiras que existem entre a prisão e o mundo fora dela.

O contato com essa realidade nos permite ter uma visão mais ampla sobre a vida desses sujeitos aprisionados, que nos leva a encarar nossa própria realidade de forma diferente que antes víamos. Faz-nos reconhecer o nosso próprio eu dentro da sociedade, entendendo que ninguém está isento de cometer erros. Então, por que não conhecer um pouco desse outro lado do muro e da vida? O contato, mediado pelas cartas, nos permite perceber que há um ser integral do lado de dentro dos muros. Uma pessoa com experiências, vivências, saudades, pecados, arrependimentos e emoções diversas, que afeta e é afetada pelo mundo e pela vida, como todos nós. Alguém que permanece sendo ser humano e que, justamente por isso, “ao perder a sua liberdade, a pessoa presa não perde o seu *direito à educação e a outros direitos humanos básicos*” (IRELAND, 2011, p.19, grifo nosso). Infelizmente, na prática, o que vemos é que o sistema negligencia esses direitos, o que não causa indignação popular, pois a sociedade em geral está focada no erro que a pessoa cometeu e no desejo de puni-la severamente. Falta o exercício da criticidade para tentar entender o que conduz essas pessoas à criminalidade, falta empatia. E é isso que o Projeto Entre-nós tem nos proporcionado: conhecer o lado e a trajetória de quem está nessa situação e nos despir dos nossos preconceitos e estereótipos em relação às pessoas que estão presas, que foram incutidos em nós e ainda são.

Podemos, assim, afirmar que o Projeto Entre-nós, de forma geral, tem um peso bastante significativo em nossa trajetória, tanto acadêmica quanto pessoal. Ele tem ressignificado a forma como víamos o Sistema Prisional e principalmente as pessoas que nele estão inseridas. Quem observa de fora tem muito a julgar e, pela falta de contato ou

mesmo de informação, acaba por menosprezar a trajetória e a própria vida de quem está na condição de aprisionamento. Assim, a troca de cartas é uma forma de levar o que tem do lado de cá para o lado de lá, mostrando a quem está preso que há uma preocupação para com elas, de que mesmo sendo uma realidade desconhecida ou generalizada para muitos ainda há uma ponta de esperança para aqueles que se encontram nessas condições. E para os que estão do muro para cá é uma forma de enxergar que mesmo as pequenas escolhas são determinantes para tudo aquilo que será realizado em nossas vidas.

Ter esse pequeno contato com essas pessoas nos faz perceber que mesmo um ser humano privado de sua liberdade não deixa de acreditar que dias melhores virão, então, que tenhamos a mesma perspectiva e que assim possamos olhá-los para além dos muros que os cercam.

IV. Considerações Finais

Experienciar a leitura, escrita e a troca de cartas entre pessoas dentro e fora da prisão, por meio de um projeto de extensão, nos mostra o quão potente pode ser a Universidade. Um projeto como este proporciona a nós, universitários, o mergulho em outros horizontes e o aprofundamento em nós mesmos. Ao nos estimular a ver, ouvir, ler e escrever sobre o que nos afeta e o que afetamos, promove um desenvolvimento político e humanizador, conectando pessoas e rompendo distâncias e barreiras aparentemente intransponíveis. Constitui-se, por isso, em instrumento eficaz de aprendizados, mas também de quebra de preconceitos, estigmas e estereótipos.

Apesar de neste relato termos nos proposto a compartilhar os significados dessa experiência de trocar cartas com homens que estão privados de sua liberdade, há aspectos dessa experiência que são indescritíveis, precisam ser vividos para serem conhecidos.

Em síntese, o projeto Entre-Nós, por um lado, tem possibilitado o acesso à leitura e escrita para homens em situação de privação de liberdade enquanto direitos humanos, bem como o estabelecimento de vínculos destas pessoas com a sociedade extramuros, fortalecendo-se assim laços afetivos que são imprescindíveis para a vida em sociedade. Por outro lado, insere acadêmicos de diferentes níveis no contexto prisional,

possibilitando a estes o envolvimento e desenvolvimento integrado do ensino, pesquisa e extensão, além da experiência de aproximação com uma realidade, em geral, pouco acessível e repleta de visões estereotipadas, distorcidas e limitantes.

Concordamos com Julião (2016, p. 36) que:

[...] devemos ultrapassar os ditos regionalismos, individualismos e etnocentrismos, políticos e identitários, e investir em uma proposta política de respeito à diversidade em sua amplitude. Acreditamos que somente assim conseguiremos garantir o respeito à diferença e à democracia, compreendendo e valorizando os direitos dos outros e os nossos.

E por concordar com essa perspectiva, esperamos que projetos e ações desta natureza, que nos aproximam de realidades marginalizadas, ocupem cada vez mais espaços dentro das Universidades e estejam cada vez mais nas agendas dos governantes para que, assim, possamos minimizar as distâncias que há entre os sujeitos dentro e fora das prisões, aumentar a empatia e fortalecer a compreensão que somos todas e todos, sem exceção, sujeitos de direitos.

V. Referências Bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

IRELAND, Timothy Denis. Educação em prisões no Brasil: direito, contradições e desafios. **Em Aberto**, Brasília, v. 24, n. 86, p. 19-39, nov. 2011. Disponível em: <http://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2714>. Acesso em: 30 de out de 2023.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Escola na ou da prisão? **Cad. Cedes**, Campinas, v. 36, n. 98, p. 25-42, jan./abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/tQrmp78mcFp47TrN4qhhtHm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 30 de out de 2023.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**, tradução de Tomaz Tadeu, 2 ed., 11 reimp., Belo Horizonte: Autêntica, 2021.